

# O proto-indo-europeu: ancestral hipotético do português

O termo proto-indo-europeu (abreviado como PIE) designa uma língua arcaica hipotética. Para uma breve introdução, comecemos com a explicação dos termos que compõem essa designação e o nome que é dado a essa língua, a saber, com os itens: “hipotética”, “arcaica”, “proto”, “indo” e “europeu”.

O proto-indo-europeu é uma língua hipotética porque, apesar de não haver registro escrito ou falado (gravação) algum, o qual comprove que um dia foi usado por uma comunidade de falantes, a gramática e o vocabulário de muitas línguas do mundo apresentam tantas semelhanças entre si que é provável que essas similaridades não sejam fortuitas, mas ocorreram devido ao fato de possuírem um ancestral comum. Embora haja grande controvérsia a respeito dessa hipótese – pois existem teorias que afirmam que essas semelhanças indicam empréstimos e não parentesco – a teoria da árvore genealógica permanece como solução mais econômica para a explicação dos traços comuns entre essas línguas. Esses traços são, por exemplo, termos que denotam relações de parentesco, como a palavra “pai”: pater (em latim), pitar (em sânscrito), father (em inglês), Vater (em alemão) ou a palavra “irmão”: bhratar- (sânscrito), frater (latim), brother (inglês). Outros indícios constituem-se, por exemplo, na existência de idiomas que, como

o latim e o grego, apresentam sistemas de caso nominal.

A observação sistemática dessas similaridades foi feita pela primeira vez por William Jones (1746-1794), um juiz da corte suprema de Bengala, na Índia, que descobriu várias semelhanças entre o sânscrito, o grego antigo, o latim, o persa, o galês e outras línguas. Jones anunciou suas descobertas em um discurso no terceiro aniversário da Sociedade Real Asiática de Calcutá em 1786. Essas pesquisas deram origem à hipótese de que línguas como o latim, o alemão e o sânscrito pertencessem a um conjunto geneticamente relacionado. Esse conjunto foi chamado de família das línguas indo-europeias (ANTHONY, D. W. *The horse, the wheel and language: how bronze-age riders from the Eurasian steppes shaped the modern world*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2007).

Embora haja muitas semelhanças entre línguas como o latim e o sânscrito, há, obviamente, muitas diferenças entre elas. Assim, a linguística comparativa parte do princípio de que ocorreu um longo processo de dialeção e, portanto, de diferenciação entre esses idiomas e o ancestral comum de que se originaram. Esse processo teria levado séculos. Nesse sentido, o PIE foi uma língua de uso há muito tempo – daí a denominação “arcaica”.

O prefixo “proto” vem

da suposição de que o PIE seja uma proto-língua: um idioma que está na origem de uma família de línguas. Os termos “indo” e “europeu” designam a extensão geográfica da distribuição dos primeiros usuários das línguas indo-europeias: da atual Europa ocidental à Índia. O termo proto-indo-europeu também qualifica os itens de vocabulário dessa língua arcaica, que foram herdados pelo conjunto das línguas da família das línguas indo-europeias.

O proto-indo-europeu, embora não seja mais falado, nem tenha deixado vestígios escritos, é reconstruído pela comparação e aplicação de regras fonéticas estáveis sobre segmentos sonoros – possíveis cognatos – retirados de línguas tidas como pertencentes à família das línguas indo-europeias. Através desse método, chega-se a segmentos significativos que têm possibilidade de ter pertencido

ao vocabulário ancestral comum a duas ou mais línguas.

As regras fonéticas de reconstrução foram descobertas a partir do estudo minucioso das semelhanças entre línguas indo-europeias, principalmente as mais antigas. Esses estudos, que começaram com as observações do galês William Jones, na última parte do séc. XVIII, intensificaram-se na primeira metade do século XIX, no contexto de língua alemã, com as pesquisas e formulações teóricas de Franz Bopp (1791-1867), Friedrich Schlegel (1772-1829), os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), August Schleicher (1821-1868) e, na Escandinávia, com o trabalho dos dinamarqueses Ramus Rask (1782-1832) e Karl Verner (1846-1896) (VILLAR, F. *Lenguas y pueblos indoeuropeos*. Madrid: Istmo, 1971).

A importância dos estudos sobre o proto-

-indo-europeu e sua evolução não se resume à reconstrução de línguas exóticas que deixaram de ser faladas há milhares de anos. No dizer de Krahe (KRAHE, H. *Linguística indoeuropea*. Madrid: Instituto Antonio Nebrija, 1953, p. 41-51), a explicação das leis segundo as quais fazemos o caminho de volta das línguas atuais ao proto-indo-europeu facilita à linguística histórica suas pesquisas a respeito dos desenvolvimentos posteriores no seio de cada língua particular. Portanto, a reconstrução seja do proto-indo-europeu, seja de outras protolínguas é, de fato, complementar a pesquisas que almejam incorporar gramáticas de línguas de determinadas famílias a gramáticas de línguas originárias.

\*Alessandro J. Beccari

## Expediente



**Reitor:** Julio Cezar Durigan

**Diretor:** Ivan Esperança Rocha

**Vice-Diretor:** Ana Maria Rodrigues de Carvalho

**Coordenação:** Cláudia Valéria Penavel Binato

**Edição:** Equipe do JNC

**Textos e Reportagens:** Jenifer Aleixo; Landara Zinhani, Marcelo Inácio

**Revisão:** Cláudia Binato; Eliane Aparecida Ribeiro Galvão Ferreira

**Diagramação:** Mayara Crispim

**Colaboração Técnica:** Lucas Lutti; Seção Técnica de Informática

*Esta é uma publicação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Núcleo Integrado de Comunicação. Comentários, dúvidas ou sugestões, entre em contato pelo e-mail: [jornal@assis.unesp.br](mailto:jornal@assis.unesp.br)*